



Expresso

31-08-2013

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 131300

Temática: Política

Dimensão: 170

Imagem: N/Cor

Página (s): 9

Rui Tavares recusa ser candidato pelo PS

Sondado pelo PS, Rui Tavares diz que **não será candidato por nenhum** dos partidos existentes

“Se houvesse eleições amanhã não saberia em qual dos partidos votar. Pelo que só com grande inconsciência poderia ser candidato às europeias por um deles”. Rui Tavares, eurodeputado independente eleito nas listas do Bloco de Esquerda (e que, entretanto, saiu para os Verdes Europeus), ainda está em reflexão sobre o que fazer da vida depois de maio de 2014 — quando hou-

ver de novo eleições para o Parlamento Europeu —, mas uma coisa é certa: pelos partidos “atualmente existentes” não será de novo candidato.

Depois de se ter travado de razões com o BE, passou a integrar o grupo parlamentar dos Verdes Europeus de Daniel Cohn-Bendit, mas não se revê no congénere nacional, o PEV (que, de resto, só se apresenta a votos em coligação com o PCP). Restar-lhe-ia o PS e o Expresso sabe que o partido de António José Seguro o “sondou” para o efeito. Mas Rui Tavares é taxativo: “Não me parece que possa ser candidato por algum dos partidos que temos”.

Como a legislação para o Parlamento Europeu (assim como para a Assembleia da República) só permite que sejam os partidos a apresentar listas de candidatos, a pergunta impõe-se: admite então ser candidato por outro partido que possa surgir no panorama nacional daqui até às europeias? O atual eurodeputado não diz que não, mas também não diz que sim: afirma estar ainda a ponderar, com outras pessoas, se encerra aqui a sua participação política ou se há espaço para “um discurso e práticas novas na política nacional”.

Nega que defenda um novo partido de esquerda, como sur-

giu em título de uma entrevista que deu ao “i” em junho. Mas acredita que essa “é uma discussão que deve ser feita, sem tabus”. Por observação e experiência própria, vê que os portugueses sentem necessidade de outras formas, de outros instrumentos de fazer política, que não se sentem bem representados pelo quadro partidário existente. E só isso vale a pena ser discutido: “Se acreditamos na democracia, temos de virar isto do avesso”, defende, admitindo, porém, não saber se essa convicção terá, alguma vez, tradução prática e bem-sucedida.

CRISTINA FIGUEIREDO

:figueiredo@expresso.impresa.pt